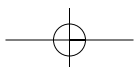
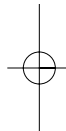
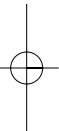


Índice

Prefácio	9
1 Apaixonar-se e desapaixonar-se	17
2 Dentro e fora da caixa de ferramentas da sociabilidade	59
3 Sobre a dificuldade de amar o próximo	103
4 Convívio destruído	149
Notas	191



Prefácio

Ulrich, o herói do grande romance de Robert Musil, era — como anunciava o título da obra — *Der Mann ohne Eigenschaften*: o homem sem qualidades. Não tendo qualidades próprias, herdadas ou adquiridas e incorporadas, Ulrich teve de produzir por conta própria qualquer qualidade que desejasse possuir, usando a perspicácia e a sagacidade de que era dotado; mas nenhuma delas tinha a garantia de perdurar indefinidamente num mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível.

O herói do seu livro é *Der Mann ohne Verwandtschaften* — o homem sem vínculos, e particularmente vínculos imutáveis como eram os de parentesco no tempo de Ulrich. Não tendo elos indissolúveis e definitivos, o herói do seu livro — o cidadão da nossa líquida sociedade moderna — e os seus sucessores actuais são obrigados a unir, por iniciativa, habilidades e dedicação próprias, os laços que porventura pretendam usar com o resto da humanidade. Isolados, precisam de se ligar... Nenhuma das ligações que venham a preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos tem, contudo, garantia de permanência. De qualquer modo, esses laços precisam de ser atados levemente, para poderem ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem — o que, na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes.

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos contraditórios (esti-

mulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo de os manter frouxos, é o que este livro procura esclarecer, registar e apreender.

Carecendo da visão aguda de Musil, tanto quanto da riqueza da sua paleta e da subtileza das suas pinceladas — de facto, de quaisquer dos requintados talentos que fizeram de *Der Mann ohne Eigenschaften* um retrato definitivo do homem moderno —, devo restringir-me a traçar um painel de esboços imperfeitos e fragmentários, em lugar de tentar produzir uma imagem completa. O máximo que posso esperar obter é um *kit* identitário, um retrato compósito capaz de conter tanto lacunas e espaços em branco como secções completas. Mas até essa composição final será um trabalho inacabado, a ser concluído pelos leitores.

O principal herói deste livro é o *relacionamento* humano. Os seus personagens centrais são homens e mulheres, os nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por «se relacionarem». E, no entanto, desconfiados da condição de «estar ligado», em particular de estar ligado «permanentemente», para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões para que eles não se consideram aptos nem estão dispostos a suportar e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para — sim, o seu palpite está certo — se relacionarem...

No nosso mundo de furiosa «individualização», os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Durante a maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam — embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto e no topo da sua agenda existencial.

«Relacionamento» é o assunto mais quente do momento e, aparentemente, o único jogo que vale a pena, apesar dos seus óbvios riscos. Alguns sociólogos, habituados a compor teorias a partir de questionários, estatísticas e crenças baseadas no senso comum, apressam-se a concluir que os seus contemporâneos estão totalmente abertos a amizades, laços, convívio, comunidade. De facto, contudo (como se seguissemos a regra de Martin Heidegger de que as coisas só se revelam à consciência por meio da frustração que provocam — fracassando, desaparecendo, comportando-se de forma inadequada ou negando a sua natureza de alguma outra forma), hoje em dia as atenções humanas tendem a concentrar-se na satisfação que esperamos obter das relações, precisamente porque, de alguma forma, estas não têm sido consideradas plena e verdadeiramente satisfatórias. E, se satisfazem, o preço dessa satisfação tem sido com frequência considerado excessivo e inaceitável. Na sua famosa experiência, Miller e Dollard viram os seus ratos de laboratório atingir o auge da excitação e da agitação quando «a atracção igualou a repulsão» — ou seja, quando a ameaça do choque eléctrico e a promessa de comida saborosa atingiram finalmente o equilíbrio...

Não admira que os «relacionamentos» estejam entre os principais motores do actual «boom do aconselhamento». A complexidade é demasiado densa, persistente e difícil para que possa ser decifrada ou esmiuçada sem auxílio. A agitação dos ratos de Miller e Dollard resultava frequentemente na paralisia da acção. A incapacidade de escolher entre atracção e repulsão, entre esperanças e temores, redundava na incapacidade de agir. De modo diferente dos ratos, os seres humanos que se vêem em tais circunstâncias podem pedir ajuda a especialistas que oferecem os seus préstimos em troca de honorários. O que esperam ouvir deles é algo como a solução do problema da quadratura do círculo: como comer o bolo e ao mesmo tempo conservá-lo; como desfrutar das doces delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, os seus momentos mais amargos e penosos; como forçar uma relação a permitir sem desautorizar, satisfazer sem oprimir...

Os especialistas estão prontos a condescender, confiantes de que a procura das suas recomendações será infinita, uma vez que nada do que digam poderá transformar um círculo num quadrado... As suas recomendações são copiosas, embora geralmente se resumam a pouco mais do que elevar a prática comum ao nível do conhecimento comum e, daí, à categoria de teoria autorizada e erudita. Os gratos beneficiários dessas recomendações percorrem as colunas de «relacionamento» de publicações sofisticadas e de suplementos semanais de jornais sérios ou nem tanto, procurando ouvir o que querem de pessoas «que sabem» (uma vez que são demasiado tímidos ou envergonhados para falarem por si mesmos), para espreitar os feitos e procedimentos de «outros como eles» e conseguir o máximo conforto possível por saberem que não estão sozinhos nos seus solitários esforços para enfrentar a incerteza.

E assim os leitores aprendem com a experiência de outros leitores, reciclada pelos especialistas, que é possível procurar «relacionamentos de bolso», de que se «pode dispor quando necessário» e depois tornar a guardar. Ou que os relacionamentos são como a vitamina C: em altas doses, provocam náuseas e podem prejudicar a saúde. Tal como no caso deste remédio, é preciso diluir as relações para que se possa consumi-las. Ou que os CSSs — casais semi-separados — merecem louvor como «revolucionários que romperam a bolha sufocante dos casais». Ou ainda que as relações, da mesma forma que os automóveis, devem passar por revisões regulares para termos a certeza de que continuarão a funcionar bem. No todo, o que aprendem é que o compromisso, e em particular o compromisso a longo prazo, é a maior armadilha a ser evitada no esforço de «relacionamento». Um especialista informa os leitores: «ao comprometerem-se, ainda que sem entusiasmo, lembrem-se que possivelmente estarão a fechar a porta a outras possibilidades românticas talvez mais satisfatórias e completas.» Outro mostra-se ainda mais insensível: «as promessas de compromisso a longo prazo são irrelevantes... Como outros investimentos, alternam períodos de alta e de baixa.» E assim, se deseja «relacionar-se», mantenha a distância; se quer usufruir do convívio, não assuma nem exija compromissos. Deixe todas as portas sempre abertas.

Se lhes perguntassem, os habitantes de Leónia, uma das *Cidades Invisíveis* de Italo Calvino, diriam que a sua paixão é «desfrutar de coisas novas e diferentes». De facto. A cada manhã, «vestem roupas novas em folha, tiram latas fechadas do mais recente modelo de frigorífico, ouvindo *jingles* recém-lançados na estação de rádio mais quente do momento». Mas a cada manhã «as sobras da Leónia de ontem aguardam pelo camião do lixo» e cabe indagar se a verdadeira paixão dos leonianos não seria na verdade «o prazer de expelir, descartar, limpar-se de uma impureza recorrente». Caso contrário, por que seriam os varredores de rua «recebidos como anjos», mesmo que a sua missão fosse «cercada de um silêncio respeitoso» (o que é compreensível: «ninguém quer voltar a pensar em coisas que já foram rejeitadas»)?

Pensem...

Será que os habitantes do nosso líquido mundo moderno não são exactamente como os de Leónia, preocupados com uma coisa e falando de outra? Garantem que o seu desejo, paixão, objectivo ou sonho é «relacionar-se». Mas será que, na verdade, não estão principalmente preocupados em evitar que as suas relações acabem congeladas e coaguladas? Estão mesmo à procura de relacionamentos duradouros, como dizem, ou o seu maior desejo é que eles sejam leves e frouxos, como as riquezas de Richard Baxter, que «deveriam cair sobre os ombros como um manto leve» para poderem «ser postas de lado a qualquer momento»? Afinal, que tipo de conselho procuram verdadeiramente: como estabelecer um relacionamento ou — só por precaução — como rompê-lo sem dor e com a consciência tranquila? Não há uma resposta fácil a esta pergunta, embora ela precise de ser respondida e vá continuar a ser colocada enquanto os habitantes do líquido mundo moderno continuarem a sofrer sob o peso esmagador da mais ambivalente de entre as muitas tarefas com que se defrontam no dia-a-dia.

Talvez a própria ideia de «relacionamento» contribua para esta confusão. Apesar da firmeza que caracteriza as tentativas dos infelizes caçadores de relacionamentos e dos seus especialistas, essa noção resiste a ser plena e verdadeiramente purgada das